



POBRES SERVOS

Irmão
**FRANCISCO
PEREZ**



O rico que se fez pobre para
seguir a **Cristo**

INTRODUÇÃO

Neste e-book você irá conhecer a história de santidade do Irmão Francisco Perez. Que ao ler essas páginas, você possa também aspirar a uma vida santa, mesmo vivendo no mundo moderno.

Continue lendo e descubra como o Senhor, desde cedo, encantou o coração de Francisco, o impelindo a viver a santidade.



INFÂNCIA E ESCOLA

Irmão Francisco Perez nasceu em 9 de julho de 1861 em Verona, no norte da Itália.

Foi o sexto de dez filhos do conde Antônio Perez com a marquesa D. Ana da Lisca.

A religiosidade da família logo fez desabrochar o coração do pequeno Francisco Perez para Deus. Francisco e seus irmãos geravam na família um ambiente de intensa e jubilosa alegria.

Estudou inicialmente no Colégio Real Carlos Alberto de Moncalieri, que era dirigido pelos padres barnabitas, e depois no Colégio Rosminiano de Domodossola, onde ensinava o seu tio Pe. Paulo. Este religioso, educador de grande humanidade e sabedoria, influiu profundamente o sobrinho.

Além de se destacar nos estudos, a maturidade espiritual, o equilíbrio e a tranquilidade interior se aprimoraram bastante, como testemunha uma carta da mãe ao cunhado Pe. Paulo:

“Tenho a satisfação de comunicar-te que a sua conduta em casa e na escola o seu amor e constância no estudo superaram aquilo que eu esperava de sua boa vontade”

A VIDA ADULTA

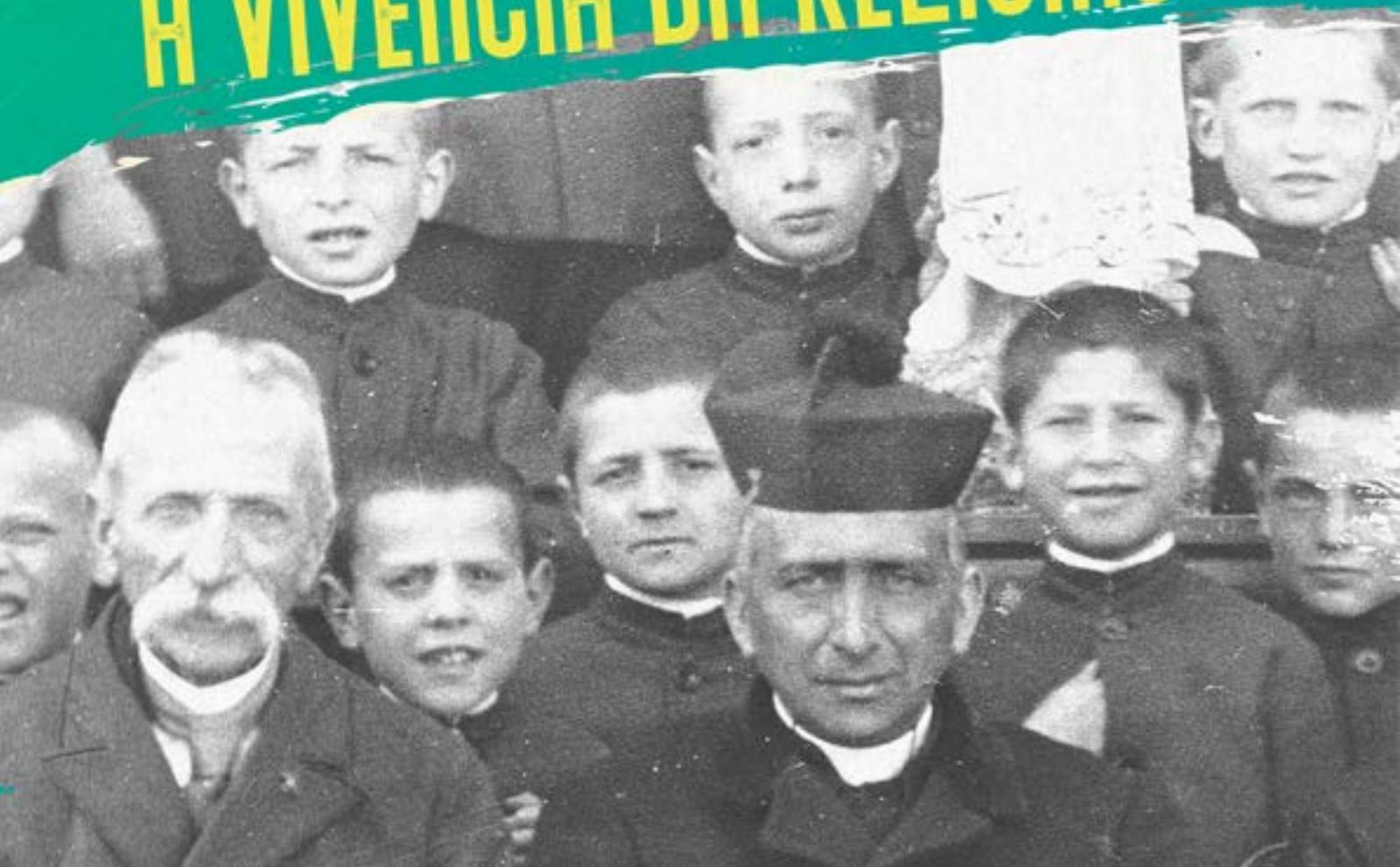


Em 1880, Francisco concluiu com boas notas os estudos clássicos e, seguindo a tradição da família, matriculou-se em Direito na Faculdade de Pádua.

Neste período, Francisco estudou, orou, lutou e nunca se acovardou. Viveu à altura do seu tempo e se engajou nos problemas da época sem recuar e avaliando com sabedoria, à luz do Evangelho, as mudanças ideológicas que o envolviam.

Ajudaram-no também os estudos jurídicos, que favorecem a reflexão e a busca do que é justo. Formou-se em Direito em 19 de novembro de 1885, quando tinha 24 anos. Depois de formado, Francisco exerceu sua profissão de advogado por pouco tempo, pois logo a abandonou para dedicar-se à administração dos bens da família. Estes cuidados ficaram por sua conta quando, no começo de 1890, veio a falecer o pai.

A VIVÊNCIA DA RELIGIÃO





Naquela época, muitas Congregações femininas de Verona confiaram-lhe as suas administrações e ele prestou-lhes um serviço excelente e gratuito. Nunca deixava de participar das várias celebrações religiosas na cidade, bem como nos centros menores; dava catequese às crianças mais desprovidas; dedicava-se com paixão à leitura da Bíblia e de livros de formação espiritual e visitava os doentes no hospital. Deus ia preparando-o para a futura vocação na Obra.

Depois que faleceu o pai, Francisco e as irmãs mudaram-se para o palácio Pompei-Perez. Do outro lado da avenida, morava a pobre família Calábria. E, assim, o Senhor aproximava os dois futuros santos amigos e protagonistas da Obra.

Em 1896, morreu a marquesa D. Ana da Lisca Perez, santa mãe de Francisco que, a partir daí, passa por uma profunda transformação.

Quase semanalmente, Francisco se punha na fila, de lata na mão, às portas dos conventos, mendigando dos frades a sopinha dos pobres. Nestas ocasiões, trajava uns trapos remendados, embora limpos. No seu quarto, tinha penduradas umas tábuas. Somente seu fiel empregado sabia que ele se deitava lá para dormir.

AS PRIMEIRAS SEMENTES DA OBRA

Junto à Paróquia dos Santos Apóstolos, uma pérola de arte românica, florescia um magnífico oratório, frequentado pelos adolescentes do bairro, na maioria muito pobres. O jovem Calábria se responsabilizou por eles: organizava para eles as diversões e as orações, ensinava-os na catequese e os preparava para o serviço do altar. Cultivava no coração a vocação sacerdotal e gostava imensamente do decoro da igreja e da solenidade dos ritos, mas antes e depois ficava demoradamente rezando sozinho.

Francisco, que já estava passando por uma acentuada mudança interior e parava também para rezar, observava e refletia.

Outro encontro decisivo de Francisco foi com o carmelita Pe. Natal de Jesus, que chegou a Verona na Igreja dos Carmelitas Descalços em 1892. Logo mais se deu a conhecer como um santo religioso e um ótimo diretor espiritual, e foi escolhido como confessor por todos os membros da família Perez, que muito admiravam a firmeza e a sabedoria de sua direção espiritual.

Em 1900, João Calábria e a mãe foram acolhidos como hóspedes no próprio palácio Perez, e o conhecimento e a estima de um pelo outro se transformaram logo em uma íntima e profunda amizade. As angústias e os entusiasmos pelo seu Reino repercutiam de um coração para o outro, alimentando-se de oração e de ousadíssimos sonhos que, porém, não ficavam somente em sonhos.

O caminho de aproximação da Obra por parte de Francisco foi longo e diversificado. Com a ordenação sacerdotal de Calábria, no dia 11 de agosto de 1901, e a sua destinação a vigário na paróquia de Santo Estêvão, em 06 de outubro de 1901, os dois amigos, Francisco e o Pe. João, não se perderam de vista.

Passaram-se seis anos. Pe. João mudou-se de Santo Estêvão e foi nomeado Reitor de S. Benedetto in Monte, no coração da cidade. A mãe foi com ele. Havia ali uma casa paroquial bem maior do que a anterior.

Apesar de estar em situação bastante precária, estava chegando a hora de o padre acolher em sua própria casa os meninos abandonados.

Francisco não ficou atrás no trabalho com os meninos pobres, não somente largando notas e cheques de seu bolso, mas ele próprio arregaçando as mangas para cuidar deles.

Chegavam sujos, esfarrapados e, principalmente, briguentos, acostumados com a fácil liberdade da calçada, sem escola e sem disciplina.

A SEMENTE DA VOCAÇÃO

Francisco fica sempre mais unido a Pe. Calábria, mas não sabe ainda o que fazer de sua vida, ou que rumo definitivo lhe dar. Solicita, então, uma resposta ao Pe. Natal, mas o santo carmelita o manda esperar e, por enquanto, continuar a colaborar com Pe. João. Francisco, que está com quarenta anos.

Neste meio tempo, Francisco, depois de ter vendido os bens que possuía, pensa em se despedir de seus dependentes na próxima festa de São Martinho, dia tradicional de prestação de contas.

No começo da tarde do dia 11 de novembro de 1908, Francisco leva consigo as irmãs Lavínia e Maria para uma volta pelas fazendas, convidando seus dependentes para a noite de confraternização em Zévio.

No meio do caminho ocorre um acidente. As duas irmãs pararam numa cerca machucadas e atordoadas. Francisco acabou por baixo do coche com uma perna presa entre os raios de uma roda.

Não consegue soltar-se e as dores o martirizam. A perna direita é fraturada em dois lugares. Lavínia fica com o irmão e Maria corre como uma louca para pedir socorro.

Até que, por fim, chega uma carreta puxada por bois. Põem em cima o conde, estendido num colchão. Dolorosamente sacudido, Francisco range os dentes e murmura:

“Isto é nada em comparação com aquilo que sofreu Jesus por mim”.

Recuperado, Francisco ficará com a perna dois centímetros mais curta, mas ninguém nunca o verá mancando. Com incrível coragem e sofrimento, andará sempre direito. O próprio cirurgião, ao tratar sem anestesia aquela pobre perna, não ouvindo nenhuma queixa, diria: “Este homem é um santo”.

DECISÕES

Durante o período de recuperação, Francisco fez uma peculiar “análise lógica” sobre o desastre acontecido. Teve a certeza de que aquilo era o sinal certo do Senhor para ingressar na Obra.

Mas não suspeitava encontrar ainda dificuldades no caminho de sua vocação. Quem se opunha tremendamente era mesmo o Pe. Calábria. Queria-o bem, sem dúvida, mas aquele “conde” entre seus pobres parecia-lhe um luxo; a Providência ficaria um tanto na sombra e no mundo haveria alguém a dizer:

Com um conde com todos seus bens, os recursos não podem faltar! E isto não podia acontecer. Deus nos livre de pôr em xeque a Providência Divina.

Pe. Calábria teve a coragem de dizer-lhe na cara que a Casa não era para ele, que aquelas riquezas seriam um peso e que o Senhor não queria entregar para ninguém o cofre da Obra.

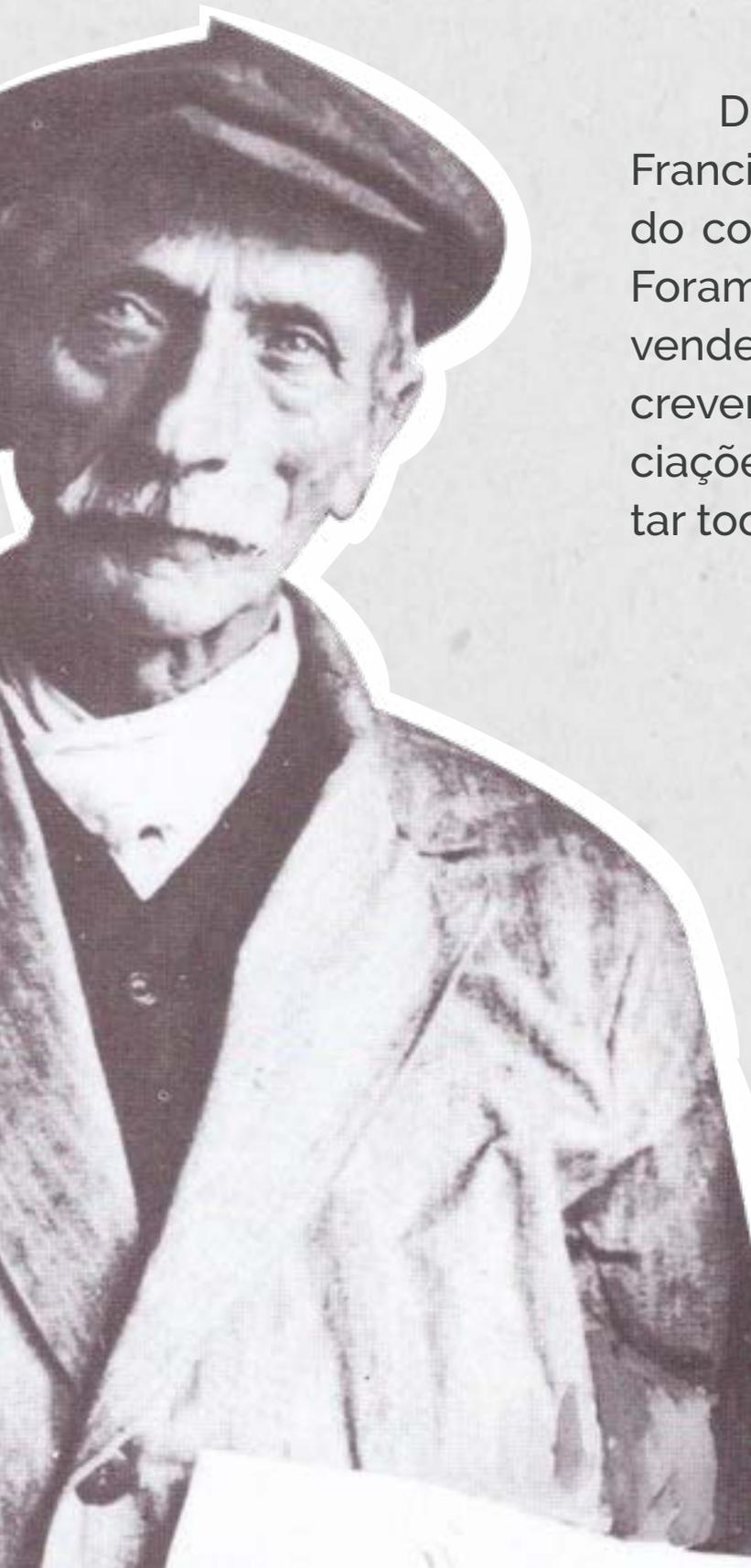
Francisco começou a chorar. O forte quarentão, já rico por múltiplas experiências, encontrava diante de si o muro do jovem amigo que lhe opunha um não sem apelação. “Mas, então - retorquiu Francisco - porque tenho quatro “tostões” não posso consagrar-me ao Senhor?”. Pe. Natal e Pe. Calábria estavam de acordo: Francisco ficaria amigo, ajudante, como um da família, mas não como membro da Obra.

Francisco, por certo, não era apegado às riquezas. Esta situação fazia Francisco sofrer, e Pe. Calábria também. Francisco forçava a porta e Pe. Calábria não o deixava entrar.

Parece que foi o Pe. Natal quem desatou o nó: “Se o senhor, seu Francisco, quer de verdade servir a Deus na Casa Bons Meninos, venda o que tem, entregue-o aos pobres como melhor lhe aprouver, e assim, pobre entre os pobres, poderá ser aceito”. Caíram, assim, todas as dificuldades.

Perez estava, então, disposto a vender tudo que tinha para ficar sem nada, como um rico falido, na miséria, paupérrimo como os outros irmãos.

O IRMÃO FRANCISCO



Depois da decisão do Pe. Natal, Francisco sentiu um peso cair-lhe do coração. Acabava-se a espera. Foram meses de atividade febril: vender, arrumar os negócios, escrever cartas de renúncia às associações das quais participava, cortar todas as relações.

Livre de todo empecilho, cumpridos todos os deveres civis, renunciando a todos os cargos, o conde Francisco despediu-se dos familiares e ingressou na Casa com a mochila dos pobres em 20 de agosto de 1909, e foi um autêntico Pobre Servo da Divina Providência.

Com o desaparecimento repentino de Francisco da cena do mundo, a notícia rapidamente espalhada de que se fora para o “suicídio” entre a meninada ranhosa do Pe. Calábria e a situação de total miséria em que se encontrava pelo fato de se ter despojado dos bens terrenos, tudo isto criou como que uma onda sísmica entre a dorminhoca e conformista aristocracia veronesa.

Uns o trataram de louco, outros de imprudente. Houve quem não hesitou em apontá-lo como a vergonha da nobreza.

Francisco sabia antecipadamente o que ia acontecer em S. Zeno in Monte, onde a Casa estava acolhendo, há menos de um ano, mais de cem menores abandonados.

O velho prédio, que se encontrava em péssimas condições de “saúde”, tinha engolido montanhas de suor e de dinheiro. Muito dinheiro vinha do próprio Francisco, mas não só dele, e os suores eram de todos. Sem contar os pedreiros, regularmente pagos, os irmãos e os próprios menores não poupavam esforços.

A igreja, a primeira a ser restaurada completamente, estava quase pronta. Foi aberta ao culto na festa da Assunção de Nossa Senhora em 1910.

Mas chegou o dia em que os recursos acabaram e acabou também o trabalho de restauração.

O Pe. Calábria dizia: Aguardemos! A Providência quer pôr à prova nossa fé. De Francisco, agora pobre como todos os outros, nada havia a esperar.

Qual era a nova vida de Francisco? Não tinha mais apartamentos amplos e confortáveis, não tinha mais serviços atendendo pontualmente às ordens do “dono”. Ninguém agora para arrumar-lhe a cama e varrer-lhe o piso. Aliás, agora ele, como todos os outros coirmãos, estava a fazer tudo a todos, a sujar as mãos.

E qual era o seu trabalho? Tudo aquilo que podia ocorrer: porteiro, sacristão, assistente dos meninos, jardineiro, varredor espontâneo da Casa e arredores, em qualquer tempo; com “opção preferencial e não exclusiva”, mas apaixonada e assídua, dos banheiros comuns.

Francisco gozava de uma profunda e íntima paz, como um náufrago que alcançou o porto. Nos primeiros dias, depois do seu ingresso na Obra, Pe. Calábria fala dele da seguinte maneira:

“É uma alma eleita,
possui a virtude do
desapego”.

E muitos anos depois, assim expressa seu pensamento:

“Esse aí, quando morrer, levanta voo para o Céu. Se tivesse vivido na Idade Média, em outros tempos, teria sido honrado como um santo ainda durante a vida. É fácil dizê-lo! Mas tem que pensar no que ele poderia ser no mundo com cavalos, carroças e empregados; e, em lugar disso, preferiu vir aqui para sofrer conosco. Pobre Francisco, não tem mais nada, é pobre também como nós”.

Pe. Calábria afirmava sem hesitação: **“Esse aí é um santo autêntico”.**

Pe. Calábria e Ir. Francisco viveram unidos entre si por um vínculo de profunda amizade, cheio de ternura e respeito, pois a confiança total não excluía a recíproca veneração. Almas unidas na virtude e na procura apaixonada de Jesus Cristo, apoiavam-se um no outro, mesmo cada um executando seu próprio papel.

Eis como ele fala do Pe. Calábria numa carta enviada a um irmão que participava da guerra, em 1918: **“Ele é o coração do meu coração, irmão e amigo. Eu o amo como o amigo do coração”.**

OS ÚLTIMOS ANOS

Os últimos seis anos de vida foram para Francisco um contínuo calvário. Não passou por doenças graves, mas as velhas moléstias iam piorando, especialmente os problemas de caráter pulmonar, agravados por arritmias cardíacas.

Ele estava a par de seus problemas e nunca pediu uma consulta médica. Aguentava, calava, minimizava, até mesmo quando Pe. Calábria e os coirmãos liam na cor de seu rosto o sofrimento.

Uma ou outra vez não tinha bastante força física para levantar-se, mas, quem ia para se informar, era logo dispensado com boas maneiras: “Não preciso de nada, agora vou levantar.” E levantava mesmo.

No ano de 1931, completou setenta anos. Pe. Calábria quis que esta data fosse celebrada com festa e muita descontração.

Dia 9 de julho, os membros da Obra, e também de outras Casas, os amigos da Casa e os menores recolheram-se junto dele, homenageando-o com votos e poemas.

Pe. Calábria solicitou um telegrama do Santo Padre e uma linda carta de felicitação por parte do Bispo.

A revista da Casa "L'Amico dei Buoni Fanciulli", com a aprovação prévia do Pe. Calábria, fazendo uma exceção ao espírito de humildade e escondimento costumeiro, relatou o acontecimento com a seguinte crônica: "Ir. Francisco Perez, ex-conde, completou felizmente seus setenta anos de idade, quinta-feira, dia 9 de julho. Na paz doméstica, o feliz evento não ficou esquecido: orações e felicitações lhe chegaram de toda parte".

Os últimos seis meses foram muito duros: a respiração difícil, a tosse o dilacerava, o coração pulando. Nada porém que o preocupasse, que apagasse o seu sorriso.

No dia 27 de novembro de 1937, pouco antes do meio-dia, passou muito mal e pediu a Unção dos Enfermos. Assim escreveu Pe. Calábria: "(...) recebeu o Sacramento com uma piedade edificante e com plena conformidade com a vontade de Deus, como um verdadeiro homem de Deus e santo religioso".

No dia 3 de dezembro, às 21 horas, o irmão enfermeiro lhe aplicou uma injeção de calmante. Francisco pediu bondosamente que fosse deixado em paz, pois naquela altura tudo era supérfluo. Não foi atendido e ele, como sempre, aceitou a vontade dos outros.

Enquanto aplicava a injeção, o enfermeiro percebeu que estava nas últimas e perguntou a Francisco se desejava ver Pe. Calábria. Não, respondeu o agonizante, nesta hora não podemos incomodá-lo.

Ao receber um pouco de alívio, soletrava: "In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum" ("Nas tuas mãos Deus, entrego o meu espírito"), as palavras de Jesus na cruz. Das 22 horas até meia-noite, foi sacudido por uma tosse convulsa horrível e extremamente dolorosa.

A respiração se tornara ofegante, os lábios murmuravam orações, mas não se ouviam as palavras. Soou meia-noite e Francisco, com voz clara, rezou sozinho o Anjo do Senhor todo inteiro e depois três vezes a jaculatória:

“Jesus, José,
Maria, expire em
paz convosco a
alma minha”.

Calou-se por meia hora. Depois rezou ainda o hino mariano "Ave, maris stella". Orou singularmente pelo Pe. Calábria, pelos irmãos e pela Obra. Pouco depois retomou a oração e rezou pelo Bispo e pela sua cidade de Verona. Chegou a madrugada do dia 4 de dezembro, às 2 horas e 45 minutos, o enfermeiro perguntou de novo: "Gostaria que lhe chamasse o Pe. Calábria?"

"Não - respondeu Francisco - não precisa. Pe. Calábria está aqui". Na realidade, Pe. Calábria se encontrava na Casa de Nazaré, acamado, com febre. Mas Francisco o via aí, perto dele de pé. Inclina a cabeça e fazia o sinal da cruz, recebendo a bênção do Pai. Depois prestava atenção às palavras dele e respondia: "Como o senhor quiser, padre, como quiser".

O enfermeiro pediu-lhe humildemente perdão se o tivesse desgostado em qualquer coisa ou por eventuais faltas. Francisco não podia permitir isso. Com um esforço enorme, lhe respondeu: "Não há nada a perdoar. Sou um pobre miserável".

E o irmão, depois de uma pausa: "Reze por mim". Francisco concluiu o diálogo com a terra: "Aguardo você no Céu. Mas agora continue seu trabalho como sempre, na simplicidade".

Poucos instantes antes de expirar ouviram-se-lhe ainda claramente as palavras que resumem a sua vida: "Pronto! Estou pronto!". E assim seus olhos se fecharam para o mundo.

A FAMA DE SANTIDADE

Padre João Calábria, com saudade sempre viva, o recorda aos 11 de junho de 1943, atribuindo a melhora da sua própria saúde à intercessão do Ir. Francisco ao qual tinha feito uma das várias novenas.

Passada a noite e avisado da piedosa morte do Irmão, Pe. Calábria sentou-se à mesa para escrever e dirigiu a seus religiosos a carta seguinte:

“

Morreu o nosso queridíssimo Ir. Francisco Perez, nas primeiras horas do primeiro sábado do mês, consagrado de maneira especial à Nossa Senhora, da qual ele era muito devoto, pelas 4 horas e 30 minutos, sua bela alma abriu asas de uma vez para o Céu; temos, pois, muitas motivações para crer que alcançou o prêmio sem demora alguma.

Ele sempre nos edificou e a nossa Casa vai ficar por muito tempo impregnada do perfume de suas virtudes. É voz comum: morreu um santo! Ao tomar conhecimento, muitos usam expressões: não sabemos se manifestamos nossos pêsames ou nossas felicitações.

Uma coisa é certa: o querido Ir. Francisco era uma coluna para a Casa, uma carta de câmbio de muito valor; mas o nosso conforto é que, enquanto vivo no meio de nós, ele era como que um ímã de graças. Chegado ao Céu, vai derramá-las abundantemente sobre nós como chuva...

Meus queridos irmãos, que morte invejável! Mas é preciso dizer que ela foi exatamente o reflexo de sua vida! Que ele nos alcance do Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, a graça de vivermos como ele, para que possamos merecer também morrer como ele. ”

Poucos dias depois da morte de Francisco, assim o Pe. Calábria escreveu dele no seu diário: “Eu julguei-o sempre um verdadeiro santo, servo de Deus e aguardo o dia em que será glorificado pelo Senhor também sobre a terra. Perez, Perez, Perez, ora pro me”.

Certo dia, disse aos Noviços: “Hoje, entreguei ao Ir. Francisco Perez a chave do Paraíso, para que seja o porteiro do nosso cantinho no Céu. Ele, que foi tão obediente na terra, o será com certeza também no Céu”.

O enterro de Francisco foi acompanhado não só pelos membros da Obra, mas por muitos que podem ser chamados de devotos seus, os que o tinham descoberto apesar daquele seu total escondimento.

O seu corpo foi depositado no túmulo que a Congregação havia recebido na entrada do cemitério monumental da cidade. A sua fama aumentou, também fora da Casa, depois de sua morte. O Cardeal Piazza, que o tinha conhecido, escreveu: "Conheci nele uma autêntica figura de santo dos nossos dias.

E o célebre dominicano, Pe. Enrico Genovesi, o definiu "Um dos perenes construtores do Evangelho que do Evangelho espalham luz, perfume e bem".

Ao encerrar estas linhas, um convite: leiam e pratiquem o Evangelho.

Se uma só frase de Pe. Calábria conseguiu fazer do conde Perez um santo, com todas as exigências da santidade, com certeza o mesmo Evangelho, se o acolhermos com sinceridade e simplicidade, tornará santos também a nós, seja qual for a situação em que nos encontrarmos. E ser santos é a única coisa que conta.

Você gostou de conhecer ainda mais sobre a história do Irmão Francisco Perez?

Esperamos que a história de santidade deste irmão, que largou tudo o que tinha para ser um pobre entre os pobres, possa impulsionar você a viver também a santidade em sua vida.



ORAÇÃO PEDINDO A INTERCESSÃO DE FRANCISCO PEREZ

Ó Deus Pai, Amor infinito, nós vos louvamos e vos agradecemos pelas maravilhas que operastes no vosso servo Francisco Perez. Agradecemos-vos pela sua caridade generosa, pela sua humildade, fé e espírito de oração; pelos dons da retidão e da sabedoria cristã dos quais deu um testemunho luminoso no desempenho dos cargos públicos. Agradecemos-vos pela sua renúncia total aos bens terrenos e pelo exemplo com o qual nos ensinou a amar e servir os pobres.

E nós vos pedimos, ó Pai, de glorificar sobre a terra este vosso servo, a fim de que, seguindo seu exemplo, os homens do nosso tempo se sintam animados a realizar em sua vida as obras do Evangelho. Atendei com bondade a nossa oração, concedendo-nos a graça que por sua intercessão encarecidamente vos pedimos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.



POBRES SERVOS

www.pobresservos.org.br

Feito com  por


ARCAÑJO
arcanjo